

*Crônicas de
Aeonlea*

Crônicas de
Avonlea
LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução
Vânia Valente



Ciranda Cultural

SUMÁRIO

Traduzido do original em inglês <i>Chronicles of Avonlea</i>	Revisão Mariane Genaro Fernanda R. Braga Simon
Texto Lucy Maud Montgomery	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Vânia Valente	Ilustração de capa Beatriz Mayumi
Preparação Karoline Cussolim	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com BRIB

M787c Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Crônicas de Avonlea / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Vânia Valente ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jundiaí, SP : Ciranda Cultural, 2020.

224 p. : il. - (Ciranda Jovem)

Tradução de: *Chronicles of Avonlea*.
Inclui índice.
ISBN: 978-65-5500-380-2

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Crônicas. I. Valente, Vânia. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Sécle.

2020-1572

CDD 028.5
CIPU 82-93

Elaborado por Vagner Macêdo da Silva - CRB-8/9418

Índice para catálogo sistemático:

- 1. Literatura infantojuvenil 028.5**
- 2. Literatura infantojuvenil 82-93**

A pressa de Ludovic	9
Velha Lady Lloyd	21
Cada um em sua própria língua	63
Pequena Joscelyn	91
A vitória de Lucinda.....	105
A menina do velho Shaw.....	120
O namorado da tia Olivia.....	134
A quarentena na casa de Alexander Abraham	152
A aquisição de Pa Sloane	173
O cortejo de Prissy Strong.....	183
O milagre em Carmody.....	196
O fim de uma discussão	212

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

À MEMÓRIA DE
Senhora William A. Houston,
UMA QUERIDA AMIGA, QUE SE FOI

*A beleza anônima escondeu
as coisas comuns da vida.*

Whittier



A pressa de Ludovic

Anne Shirley estava sentada encolhida no assento da janela da sala de estar de Theodora Dix em uma noite de sábado, olhando sonhadora para longe, para alguma bela terra estelar além das colinas do pôr do sol. Anne estava de visita, durante quinze dias de suas férias, ao Echo Lodge, onde o senhor e a senhora Stephen Irving estavam passando o verão, e muitas vezes ela corria para a antiga fazenda Dix para conversar um pouco com Theodora. Elas tiveram sua conversa, nessa noite em particular, e Anne estava se entregando ao deleite de construir um castelo aéreo. Ela inclinou sua cabeça formosa, com uma coroa trançada de cabelo vermelho-escuro, contra o revestimento da janela, e seus olhos cinzentos eram como o brilho da lua nos lagos sombrios.

Então ela viu Ludovic Speed vindo pela trilha. Ele ainda estava longe da casa, pois a trilha dos Dix era longa, mas Ludovic podia ser reconhecido de longe. Ninguém mais em Middle Grafton tinha uma postura tão alta e levemente inclinada e o movimento sereno. Em cada gesto e movimento, havia uma individualidade toda própria de Ludovic.

Anne despertou dos sonhos, pensando que seria no mínimo cor-tês de sua parte providenciar sua partida. Ludovic estava cortejando Theodora. Todos em Grafton sabiam disso, ou, se alguém ignorava o fato, não era porque não teve tempo de descobrir. Ludovic estava vin-do pela trilha para ver Theodora, da mesma maneira ruminante e sem pressa, havia quinze anos!

Quando Anne, que era magra, feminina e romântica, se levan-tou, Theodora, gorda, de meia-idade e prática, disse, com um brilho nos olhos:

– Não há pressa, criança. Sente-se e faça sua tarefa. Você viu Ludovic vindo pela trilha e, suponho, pensa que vai atrapalhar. Mas não. Ludovic gosta muito de uma terceira pessoa por perto, e eu também. Isso estimula a conversa, por assim dizer. Quando um homem vem visitá-la duas vezes por semana, há quinze anos, você fica bastante fala-da por um tempo.

Theodora nunca simulou acanhamento no que dizia respeito a Ludovic. Ela não tinha vergonha de se referir a ele e a seu namoro mo-roso. De fato, isso parecia diverti-la.

Anne sentou-se novamente, e juntas elas observaram Ludovic vir pela trilha, olhando calmamente ao seu redor, para os campos de trevo verdejantes e as curvas azuis do rio serpenteando dentro e fora do vale enevoadado abaixo.

Anne olhou para o rosto plácido e finamente moldado de Theodora e tentou imaginar o que ela mesma sentiria se estivesse sentada ali, es-perando por um namorado de idade que, aparentemente, levara tanto tempo para se decidir. Mas até a imaginação de Anne falhou para isso.

“Enfim”, ela pensou, impaciente, “se eu o quisesse, acho que en-contraria uma maneira de apressá-lo. Ludovic SPEED! Já existiu um nome tão inadequado? Esse nome, para esse homem, é uma ilusão e uma armadilha.”

Logo Ludovic chegou a casa, mas ficou tanto tempo na soleira, per-dido em seus pensamentos, fitando o emaranhado bosque verde do pomar de cerejas, que Theodora finalmente foi e abriu a porta antes de ele bater. Quando o trouxe para a sala de estar, ela fez uma careta cômica para Anne por cima do ombro.

Ludovic sorriu agradavelmente para Anne. Ele gostava dela; ela era a única jovem garota que ele conhecia, pois geralmente evitava jo-vens garotas, elas o faziam se sentir estranho e deslocado. Mas Anne não o afetava dessa maneira. Ela tinha um jeito de se relacionar com todo o tipo de pessoas e, embora eles não a conhecessem há muito tem-po, Ludovic e Theodora a consideravam uma velha amiga.

Ludovic era alto e um tanto desajeitado, mas sua placidez sem he-sitação lhe dava a aparência de uma dignidade que de outra forma não lhe pertencia. Ele tinha um bigode caído, sedoso e marrom, e um pequeno tufo de cachos imperiais, uma moda considerada excêntrica em Grafton, onde os homens tinham queixo barbeado ou ficavam barbudos. Seus olhos eram sonhadores e agradáveis, com um toque de melancolia em suas profundezas azuis.

Ele se sentou na enorme poltrona velha que pertencera ao pai de Theodora. Ludovic sempre se sentava lá, e Anne afirmava que a cadeira se parecia com ele.

A conversa logo ficou animada o bastante. Ludovic era bom de conversa quando tinha alguém para desinibi-lo. Ele era erudito e fre-quentemente surpreendia Anne com seus comentários perspicazes sobre homens e assuntos no mundo, dos quais apenas os ecos fracos chegavam ao Rio Deland. Ele também gostava de discussões religio-sas com Theodora, que não se importava muito com política ou com os feitos da história, mas era ávida por doutrinas e lia tudo o que lhes dizia respeito. Quando a conversa se transformou em um redemoinho de disputas amigáveis entre Ludovic e Theodora sobre a ciência cristã,

Anne entendeu que sua utilidade estava encerrada no momento e que não sentiriam falta dela.

– É hora da estrela e do boa-noite –, disse ela, e foi embora em silêncio.

Mas ela teve que parar para rir quando estava fora da vista da casa, em um prado verde coberto de branco e dourado de margaridas. Um vento carregado de odores soprou delicadamente através dele. Anne encostou-se a uma bétula branca no canto e riu com entusiasmo, como costumava fazer sempre que pensava em Ludovic e Theodora. Para sua juventude ansiosa, esse namoro deles parecia uma coisa muito divertida. Ela gostava de Ludovic, mas se deixava provocar com ele.

– O querido, grande e irritante idiota! – ela disse em voz alta.

– Nunca houve um idiota tão adorável antes. Ele é o típico crocodilo da velha rima, que não concordava e não ficava quieto, mas ficava apenas se balançando para cima e para baixo.

Duas noites depois, quando Anne foi para a casa dos Dix, ela e Theodora conversaram sobre Ludovic. Theodora, que era a alma mais trabalhadora do mundo e ainda por cima tinha uma mania de trabalho caprichosa, estava ocupando seus dedos suaves e rechonchudos com uma peça central de renda de Battenburg muito elaborada. Anne estava deitada em uma pequena cadeira de balanço, com as mãos magras dobradas no colo, observando Theodora. Ela percebeu que Theodora era muito bonita, de uma maneira majestosa, semelhante a Juno, de pele firme e branca, contornos grandes e bem esculpidos e grandes olhos castanhos e intimidadores. Quando Theodora não estava sorrindo, ela parecia muito imponente. Anne achou compreensível que Ludovic a admirasse.

– Você e Ludovic conversaram sobre a ciência cristã durante a noite de sábado? – perguntou.

Theodora transbordou em um sorriso.

– Sim, e até brigamos por isso. Pelo menos eu briguei. Ludovic não brigaria com ninguém. Você tem que lutar contra o ar quando argumenta com ele. Eu odeio discutir com uma pessoa que não vai reagir.

– Theodora – disse Anne de forma bajuladora –, vou ser curiosa e impertinente. Você pode me ignorar se quiser. Por que você e Ludovic não se casam?

Theodora riu confortavelmente.

– Essa é a pergunta que as pessoas de Grafton têm feito há algum tempo, eu acredito, Anne. Bem, eu não tenho nenhuma objeção em me casar com Ludovic. Isso é franco o suficiente para você, não é? Mas não é fácil se casar com um homem, a menos que ele peça. E Ludovic nunca me pediu.

– Ele é muito tímido? – persistiu Anne. Como Theodora estava de bom humor, ela pretendia analisar minuciosamente esse assunto intrigante.

Theodora abandonou o trabalho e olhou meditativamente para as encostas verdes do verão.

– Não, acho que não. Ludovic não é tímido. É apenas o jeito dele, o jeito Speed. Os Speeds são todos terrivelmente deliberados. Eles passam anos pensando em alguma coisa antes de decidirem fazê-la. Às vezes, eles adquirem tanto o hábito de pensar sobre o assunto que nunca deixam isso para trás, como o velho Alder Speed, que sempre falava em ir à Inglaterra ver o irmão, mas nunca foi, embora não houvesse uma razão terrena para isso. Eles não são preguiçosos, você sabe, mas fazem tudo no ritmo deles.

– E Ludovic é apenas um caso agravado de “speedismo” – sugeriu Anne.

– Exatamente. Ele nunca se apressou em sua vida. Ora, nos últimos seis anos ele vem pensando em pintar a casa. Ele fala sobre isso comigo de vez em quando e escolhe a cor, e fim. O assunto acaba. Ele gosta

de mim e pretende me pedir para tê-lo em algum momento. A única pergunta é: chegará a hora?

– Por que você não o apressa? – perguntou Anne, impaciente.

Theodora voltou para suas teses com outra risada.

– Se Ludovic puder ser apressado, não sou eu quem o apressará. Eu sou muito tímida. Parece ridículo ouvir uma mulher da minha idade e tamanho dizer isso, mas é verdade. Claro, eu sei que essa é a única maneira de fazer qualquer Speed conseguir se casar. Por exemplo, há uma prima minha casada com o irmão de Ludovic. Eu não digo que ela tenha proposto a ele uma vez ou outra... Se bem que, Anne, não esteve longe disso. Eu não poderia fazer nada assim. Eu tentei uma vez. Quando percebi que eu estava ficando madura e todas as garotas da minha geração estavam partindo para todos os lados, tentei dar uma indireta a Ludovic. Mas ela ficou emperrada em minha garganta. E agora eu não me importo. Se para mudar de Dix para Speed eu precise tomar a iniciativa, então serei Dix até o fim da vida. Ludovic não percebe que estamos envelhecendo, você sabe. Ele acha que ainda somos jovens vertiginosos, com bastante tempo diante de nós. Esse é o defeito dos Speeds. Eles nunca descobrem que estão vivos até morrerem.

– Você gosta de Ludovic, não gosta? – perguntou Anne, detectando uma ponta de verdadeira amargura entre os paradoxos de Theodora.

– Por Deus, sim – disse Theodora com sinceridade. Ela achou que não valia a pena ruborizar por um fato tão acertado. – Acho que o mundo sabe e o Ludovic. E ele certamente precisa de alguém para cuidar dele. Ele está abandonado, ele parece esgotado. Você pode ver por si. Aquela velha tia dele cuida de sua casa de alguma maneira, mas ela não cuida dele. E ele está chegando agora à idade em que um homem precisa ser cuidado e mimado um pouco. Eu estou solitária aqui, e Ludovic está solitário lá em cima, e isso parece ridículo, não é? Não me admiro de

sermos a piada permanente de Grafton. Deus sabe, eu mesma rio disso o suficiente. Algumas vezes pensei que, se Ludovic pudesse ficar com ciúmes, isso poderia estimulá-lo. Mas eu nunca poderia flertar e não há alguém com quem flertar, se eu pudesse. Todo mundo por aqui me vê como propriedade de Ludovic e ninguém sonharia em se intrometer com ele.

– Theodora – exclamou Anne –, eu tenho um plano!

– O que você pretende fazer? – exclamou Theodora.

Anne contou a ela. A princípio, Theodora riu e protestou. No final, ela cedeu um pouco duvidosamente, dominada pelo entusiasmo de Anne.

– Bem, tente, então – ela disse, resignada. – Se Ludovic ficar bravo e me deixar, ficarei pior do que nunca. Mas quem não arrisca não petisca. E há uma possibilidade, eu suponho. Além disso, devo admitir que estou cansada dessa perda de tempo.

Anne voltou para o Echo Lodge formigando de prazer por sua trama.

Ela procurou Arnold Sherman e lhe disse o que era requerido dele. Arnold Sherman ouviu e riu. Ele era um viúvo idoso, um amigo íntimo de Stephen Irving, e veio para passar parte do verão com ele e sua esposa nas Ilhas Príncipe Edward. Ele era bonito em um estilo maduro, e ainda tinha uma pitada de malícia, de modo que entrou prontamente no plano de Anne. Divertia-o pensar em apressar Ludovic Speed, e ele sabia que Theodora Dix poderia contar com ele para fazer sua parte. A comédia não seria monótona, qualquer que fosse o resultado.

A cortina subiu no primeiro ato após a reunião de oração na noite da quinta-feira seguinte. A luz brilhava quando as pessoas saíram da igreja, e todo mundo via claramente. Arnold Sherman estava nos degraus perto da porta, e Ludovic Speed encostou-se a um canto da cerca do cemitério, como fazia havia anos. Os garotos diziam que ele havia criado raízes naquele lugar específico. Ludovic não sabia de nenhuma

razão para que ele se colasse contra a porta da igreja. Theodora sairia como sempre, e Ludovic se juntaria a ela quando passasse pelo canto.

Foi o que aconteceu. Theodora desceu os degraus, sua figura imponente delineada na escuridão contra o jato de luz da lâmpada do pórtico. Arnold Sherman perguntou se ele poderia acompanhá-la até sua casa. Theodora segurou-lhe o braço com calma e, juntos, passaram pelo estupefato Ludovic, que ficou impotente olhando fixamente para eles, como se não pudesse acreditar em seus olhos.

Por alguns momentos, ele ficou parado, hesitante; então ele começou a seguir a estrada atrás de sua inconstante senhora e seu novo admirador. Os garotos e os jovens irresponsáveis se amontoaram atrás, esperando alguma agitação, mas ficaram desapontados. Ludovic avançou a passos largos até alcançar Theodora e Arnold Sherman e então seguiu humildemente atrás deles.

Theodora mal apreciou sua caminhada para casa, apesar de Arnold Sherman se mostrar especialmente divertido. Seu coração ansiava por Ludovic, cujos passos ela ouviu atrás dela e temia que tivesse sido muito cruel, mas estava disposta a isso agora. Ela se fortaleceu com a reflexão de que tudo era para o próprio bem dele e conversou com Arnold Sherman como se ele fosse o único homem no mundo. O pobre e abandonado Ludovic, seguindo humildemente atrás, ouviu-a, e, se Theodora soubesse quão amarga realmente era a xícara que ela segurava nos lábios dele, nunca teria sido resoluto o suficiente para oferecê-la a ele, não importa o bem final.

Quando ela e Arnold chegaram ao portão, Ludovic teve que parar. Theodora olhou por cima do ombro e o viu parado na estrada. Sua aparência desolada atormentou os pensamentos dela a noite toda. Se Anne não tivesse se precipitado nem fosse tão enfática com suas convicções, ela poderia ter arruinado tudo caso cedesse prematuramente.

Enquanto isso, Ludovic permanecia parado na estrada, completamente alheio às piadas e aos comentários do contingente de garotinhos

muito entretidos, até Theodora e seu rival desaparecerem de vista sob os abetos em sua trilha. Então ele se virou e foi para casa, não com seu habitual passo cauteloso e sem pressa, mas com uma passada perturbada, que evidenciava sua inquietação interior.

Ele se sentia perplexo. Se o mundo tivesse acabado subitamente ou se o preguiçoso e sinuoso rio Grafton tivesse virado e seu fluxo subido a colina, Ludovic não estaria mais atônito. Durante quinze anos, ele caminhou das reuniões para casa com Theodora; e agora esse idoso estranho, com todo o *glamour* dos “Estados Unidos” pairando sobre ele, a acompanhara friamente debaixo do nariz de Ludovic. Pior, o mais cruel de tudo, Theodora tinha ido com ele de bom grado; e mais, ela evidentemente desfrutara da companhia dele. Ludovic sentiu a comoção de uma ira justa em sua alma pacata.

Quando chegou ao fim de seu caminho, parou no portão e olhou para sua casa, afastada da rua em uma curva de bétulas. Mesmo à luz da lua, seu aspecto desgastado pelo tempo era claramente visível. Ele pensou no boato de “residência palaciana” atribuído a Arnold Sherman em Boston e acariciou seu queixo nervosamente com os dedos queimados pelo sol. Então, ele cerrou o punho e bateu-o rapidamente no pilar do portão.

– Theodora não pensa que vai me deixar assim, depois de me acompanhar por quinze anos – disse ele. – Eu tenho algo a dizer, com Arnold Sherman ou sem Arnold Sherman. A insolência do cachorro!

Na manhã seguinte, Ludovic dirigiu-se a Carmody e contratou Joshua Pye para pintar sua casa. E naquela noite, apesar de não ser esperado até o sábado à noite, ele foi ver Theodora.

Arnold Sherman chegou antes dele e estava sentado na cadeira de Ludovic. Ludovic teve que se ajeitar na nova cadeira de balanço de vime de Theodora, na qual ele parecia e se sentia lamentavelmente deslocado.

Se Theodora achou a situação embaraçosa, ela a conduziu soberbamente. Ela nunca pareceu mais bonita, e Ludovic percebeu que ela

usava seu segundo melhor vestido de seda. Ele se perguntou de maneira lastimosa se ela o usara na expectativa de um pedido de seu rival. Ela nunca colocou vestidos de seda para ele. Ludovic sempre foi o mais manso e pacífico dos mortais, mas se sentiu bastante feroz enquanto se sentava em silêncio e ouvia a conversa polida de Arnold Sherman.

– Você deveria estar aqui para vê-lo furioso – disse Theodora à encantada Anne no dia seguinte. – Pode ser perverso de minha parte, mas eu me senti muito contente. Eu tinha medo de que ele pudesse ficar longe e emburrado. Desde que ele venha aqui e esteja emburrado, não me importo. Mas ele está se sentindo mal o suficiente, pobre alma, e estou realmente devorada pelo remorso. Ele tentou abusar da hospitalidade do senhor Sherman na noite passada, mas não conseguiu. Você nunca viu uma criatura de aparência mais deprimida do que ele, enquanto se apressava pela trilha. Sim, ele realmente se apressou.

Na noite do domingo seguinte, Arnold Sherman foi à igreja com Theodora e sentou-se com ela. Quando eles entraram, Ludovic Speed subitamente se levantou de seu banco debaixo do púlpito. Ele sentou-se de novo imediatamente, mas todos o viram, e naquela noite as pessoas em todo o comprimento e largura do rio Grafton discutiram a dramática ocorrência com entusiasmado prazer.

– Sim, ele deu um pulo, como se tivesse saltado, enquanto o pastor lia o capítulo – disse sua prima Lorella Speed, que estava na igreja, à irmã, que não estava lá. – Seu rosto estava branco como um lençol, e seus olhos estavam brilhando. Eu nunca me senti tão eufórica, eu confesso! Eu quase esperava que ele voasse para eles naquele momento. Mas ele apenas deu um tipo de suspiro e se sentou novamente. Não sei se Theodora Dix o viu ou não. Ela parecia tão calma e despreocupada quanto você.

Theodora não tinha visto Ludovic, mas, se ela parecia calma e despreocupada, sua aparência a desmentia, pois se sentia miseravelmente

perturbada. Ela não pôde impedir Arnold Sherman de ir à igreja com ela, mas lhe pareceu que ela estava indo longe demais. As pessoas não iam à igreja e se sentavam juntas em Grafton, a menos que estivessem para ficar noivos. E se isso enchesse Ludovic de desespero em vez de despertá-lo? Ela sentou-se no culto com tristeza e não ouviu uma palavra do sermão.

Mas as performances espetaculares de Ludovic ainda não haviam terminado. Podia ser difícil para os Speeds começar, mas, uma vez que começavam, seu impulso era irresistível. Quando Theodora e o senhor Sherman saíram, Ludovic estava esperando nos degraus. Ele estava de pé, ereto e sério, com a cabeça jogada para trás e os ombros endireitados. Havia um desafio declarado no olhar que ele lançava sobre seu rival e uma superioridade no mero toque da mão que ele colocou no braço de Theodora.

– Posso acompanhá-la à sua casa, senhorita Dix? – suas palavras disseram. Seu tom de voz dizia: “Vou acompanhá-la até sua casa, queira ou não”.

Theodora, com um olhar reprovador para Arnold Sherman, pegou-lhe no braço, e Ludovic marchou com ela pelo gramado, em meio a um silêncio que os próprios cavalos amarrados à cerca pareciam compartilhar. Para Ludovic, foi uma hora repleta de glória.

Anne veio de Avonlea no dia seguinte para ouvir as notícias. Theodora sorria conscientemente.

– Sim, está de fato resolvido, enfim, Anne. Chegando em casa ontem à noite, Ludovic me pediu claramente para casar com ele, domingo, e isso é tudo. É para ser imediato, pois Ludovic não vai adiar uma semana mais do que o necessário.

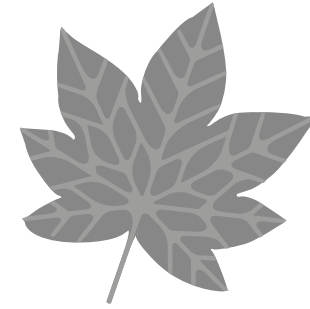
– Portanto, Ludovic Speed finalmente se apressou para algum propósito – disse Sherman, quando Anne o chamou a Echo Lodge, cheia de novidades. – E você está maravilhada, é claro, e meu pobre orgulho

deve ser o bode expiatório. Sempre serei lembrado em Grafton como o homem de Boston que queria Theodora Dix e não a conseguiu.

– Mas isso não será verdade, você sabe – disse Anne confortavelmente.

Arnold Sherman pensou na beleza madura de Theodora e no companheirismo agradável que ela revelara no breve relacionamento deles.

– Não tenho muita certeza disso – disse ele, com um suspiro.



Velha Lady Lloyd

I. O capítulo de maio

As fofocas de Spencervale sempre diziam que “a velha Lady Lloyd” era rica, má e orgulhosa. A fofoca, como sempre, estava um terço certa e dois terços errada. A velha Lady Lloyd não era rica nem má; na realidade, ela era miseravelmente pobre, tão pobre que “Crooked Jack” Spencer, que cavava seu jardim e cortava madeira para ela, em contraste era opulento, pois para ele nunca faltavam pelo menos três refeições por dia, e a velha Lady às vezes não tinha mais que uma. Mas ela *era* muito orgulhosa, tão orgulhosa que preferia ter morrido a deixar que o povo de Spencervale, entre quem ela havia reinado na juventude, suspeitasse de quão pobre ela era e das dificuldades às quais às vezes ela estava reduzida. Ela preferia que eles a achassem miserável e estranha, uma velha reclusa que nunca ia a lugar algum, nem mesmo à igreja, e que pagava a menor cota do salário do pastor entre qualquer pessoa na congregação.

– E ela apenas rolando em riqueza! – eles diziam indignados. – Bem, ela não adquiriu seus modos avarentos de seus pais. Eles eram realmente

generosos e amistosos. Nunca houve um cavalheiro mais refinado do que o velho doutor Lloyd. Ele estava sempre fazendo gentileza a todos, de modo que você achasse que estivesse fazendo um favor, e não ele. Bem, bem, deixe a velha Lady Lloyd sozinha e com seu dinheiro para si mesma se ela quiser. Se ela não quer nossa companhia, não precisa sofrer, isso é tudo. Acho que ela não é tão feliz com todo aquele dinheiro e orgulho.

Não, a velha Lady não estava muito feliz, isso era verdade. Não é fácil ser feliz quando sua vida é devorada pela solidão e pelo vazio no campo espiritual e quando, no campo material, tudo o que você tem entre você e a fome é o pouco dinheiro que suas galinhas lhe trazem.

A velha Lady morava “afastada na antiga casa dos Lloyds”, como sempre foi chamada. Era uma casa pitoresca, com beiradas baixas, com grandes chaminés e janelas quadradas e abetos crescendo densamente ao redor. A velha Lady morava lá sozinha e havia semanas em que ela sequer via um ser humano, exceto Crooked Jack. O que ela fazia sozinha e como dedicava seu tempo era um quebra-cabeça que o pessoal de Spencervale não era capaz de resolver. As crianças acreditavam que ela se divertia contando o ouro em uma grande caixa preta debaixo de sua cama e tinham um terror mortal dela; alguns deles, os “Spencer Road”, acreditavam que ela era uma bruxa; todos corriam quando, ao vaguar pelo bosque em busca de bagas ou goma de abeto, viam a distância a forma sobressalente e ereta da velha Lady, recolhendo gravetos para seu fogo. Mary Moore era a única pessoa que tinha certeza de que ela não era uma bruxa.

– As bruxas são sempre feias – disse ela decisivamente –, e a velha Lady Lloyd não é feia. Ela é muito bonita, tem um cabelo branco tão macio, grandes olhos negros e um pequeno rosto branco. Aquelas crianças da estrada não sabem do que estão falando. Mamãe diz que elas são muito ignorantes.

– Bem, ela nunca vai à igreja e murmura consigo mesma o tempo todo em que apanha gravetos – afirmou Jimmy Kimball com firmeza.

A velha Lady falava consigo mesma porque gostava muito de companhia e conversa. Certamente, quando você não conversa com ninguém além de si mesmo há quase vinte anos, é provável que a vida se torne um tanto monótona; e houve momentos em que a velha Lady teria sacrificado tudo, menos seu orgulho, por um pouco de companhia humana. Nessas ocasiões, ela se sentia muito amarga e ressentida com o destino por ter tirado tudo dela. Ela não tinha nada para amar, e essa é a condição mais prejudicial possível para qualquer um.

Era sempre mais difícil na primavera. Era uma vez a velha Lady – quando ela não era a velha Lady, mas a bela, voluntariosa e animada Margaret Lloyd – que adorava primaveras; agora ela as odiava porque a machucavam; e esta primavera em particular, deste particular capítulo de maio, machucou-a mais do que qualquer outra antes. A velha Lady sentia como se *não* pudesse suportar a dor. Tudo a machucava, as novas pontas verdes nos abetos, a névoa pálida na pequena cavidade da faixa abaixo da casa, o cheiro fresco da terra vermelha que Crooked Jack escavava em seu jardim. A velha Lady ficou acordada toda uma noite de luar e chorou de muita tristeza. Ela até esqueceu a fome do seu corpo em sua alma; e ela estivera com fome, mais ou menos, durante toda a semana. Ela estava vivendo do suprimento de biscoitos e água, para poder pagar Crooked Jack por escavar seu jardim. Quando a pálida e adorável cor do amanhecer veio roubando o céu atrás dos abetos, a velha Lady enterrou seu rosto no travesseiro e se recusou a olhar para ele.

– Eu odeio o novo dia – disse ela, com rebeldia. – Será um dia típico como todos os outros dias difíceis e comuns. Não quero me levantar e vivê-lo. E, ah, pensar que há muito tempo estendi minhas mãos com

alegria a cada novo dia, como a um amigo que estava me trazendo boas-novas! Eu amei as manhãs naquela época, ensolaradas ou cinzentas, elas eram tão agradáveis quanto um livro não lido, e agora eu as odeio, odeio, odeio!

Mas a velha Lady levantou-se, entretanto, pois sabia que Crooked Jack chegaria cedo para terminar o jardim. Ela arrumou seus cabelos brancos bonitos e grossos com muito cuidado e vestiu seu vestido de seda roxo com as pequenas manchas douradas. A velha Lady sempre usava seda por motivos de economia. Era muito mais barato usar um vestido de seda que tinha pertencido à sua mãe do que comprar um novo na loja. Ela tinha muitos vestidos de seda que tinham pertencido à mãe. Ela usava-os de manhã, ao meio-dia e à noite, e as pessoas de Spencervale consideravam isso uma evidência a mais de seu orgulho. Quanto ao estilo dos vestidos: eram assim, é claro, apenas porque ela não era habilidosa para reformá-los. Eles nem sonhavam que a velha Lady nunca usaria um dos vestidos de seda sem se agonizar por estar fora de moda, e que até mesmo os olhares de Crooked Jack lançados sobre seus antigos babados e saias eram quase mais do que sua vaidade feminina podia suportar.

Apesar de a velha Lady não ter recebido bem o novo dia, sua beleza a encantou quando ela saiu para passear depois do almoço, ou melhor, depois do biscoito do meio-dia. Estava tão fresco, tão doce, tão puro; e os bosques de abetos em torno da antiga casa dos Lloyds estavam cheios de movimentos da primavera, e tudo estava salpicado por novas luzes e sombras. Um pouco do deleite encontrou o coração amargo da velha Lady enquanto ela passeava por eles, e, quando saiu na pequena ponte de tábuas sobre o riacho embaixo das faias, sentiu-se quase amável e terna mais uma vez. Havia uma grande faia lá, em particular, que ela adorava por razões mais conhecidas: uma faia grande e alta, com um tronco como o eixo de uma coluna de mármore cinza e uma dispersa

folhagem de galhos sobre o tranquilo lago marrom-dourado que se formava embaixo dela no riacho. Havia sido uma jovem árvore nos dias que foram iluminados pela glória desaparecida da vida da velha Lady.

Ela ouviu vozes infantis e risos ao longe no caminho que levava à casa de William Spencer, logo acima do bosque. A rua da frente da casa de William Spencer corria para a estrada principal em uma direção diferente, mas essa “rua de trás” fornecia um atalho, e seus filhos sempre iam à escola por esse caminho.

A velha Lady encolheu-se apressadamente atrás de uma moita de abetos jovens. Ela não gostava das crianças dos Spencers porque elas sempre pareciam ter muito medo dela. Através do abeto, ela podia vê-los descer alegremente pela rua, os dois mais velhos na frente, os gêmeos atrás, agarrados às mãos de uma garota alta e magra, a nova professora de música, provavelmente. A velha Lady ouvira do vendedor de ovos que ela iria chegar à casa de William Spencer, mas não ouvira seu nome.

Ela olhou para a garota com alguma curiosidade quando eles se aproximaram, e então, de uma só vez, o coração da velha Lady deu um grande salto e começou a bater como não batia há anos, enquanto sua respiração tornava-se rápida e ela tremia violentamente. Quem... quem poderia ser essa garota?

Sob o chapéu de palha da nova professora de música havia madeixas de finos cabelos castanhos da mesma tonalidade e ondulação que a velha Lady lembrou haver em outra cabeça em anos passados; por baixo daquelas ondas, olhavam grandes olhos de cor azul-violeta com cílios e sobrancelhas muito negros, e a velha Lady conhecia aqueles olhos tão bem quanto os seus; e a nova professora de música, com toda a sua beleza de contornos delicados, tez graciosa e juventude alegre e animada, tinha um rosto que remetia ao passado da velha Lady, uma perfeita semelhança em todos os aspectos, exceto um: o rosto de que ela se

lembrava era frágil, com todo o seu charme; mas a face dessa garota tinha uma força fina e dominante, compacto de doçura e feminilidade. Ao passar pelo esconderijo da velha Lady, ela riu de algo que uma das crianças disse; e ah, mas a velha Lady conhecia bem aquela risada. Ela já a ouvira debaixo daquela mesma faia.

Ela os observou até que desapareceram sobre a colina arborizada além da ponte; e depois voltou para casa como se tivesse caminhado em um sonho. Crooked Jack estava escavando vigorosamente no jardim; normalmente ela não conversava muito com Crooked Jack, pois não gostava da tendência dele a fofocas; mas agora ela entrou no jardim, uma figura imponente e velha, em sua seda púrpura e manchada de ouro, com a luz do sol brilhando em seus cabelos brancos.

Crooked Jack a viu sair e comentou consigo mesmo que ela estava mudando; ela costuma ter uma aparência pálida. Ele agora concluiu que estava enganado. As bochechas da velha Lady estavam rosadas, e seus olhos brilhavam. Em algum lugar de sua caminhada, ela havia perdido dez anos pelo menos. Crooked Jack apoiou-se em sua pá e decidiu que não havia muitas mulheres de aparência mais refinada do que a velha Lady Lloyd. Pena que ela era uma velha tão avarenta!

– Senhor Spencer – disse a velha Lady graciosamente; ela sempre falava dessa maneira com seus inferiores quando conversava com eles –, você pode me dizer o nome da nova professora de música que está na casa do senhor William Spencer?

– Sylvia Gray – disse Crooked Jack.

O coração dela deu outro grande salto. Mas ela sabia disso, sabia que aquela garota com cabelos, olhos e risada de Leslie Gray devia ser filha de Leslie Gray.

Crooked Jack ergueu as mangas e retomou o trabalho, mas sua língua foi mais rápida que a pá, e a velha Lady o ouviu com avidez. Pela primeira vez, ela desfrutou da tagarelice e das fofocas de Crooked Jack e as

abençoou. Cada palavra que ele proferia era como uma maçã de ouro em uma bandeja de prata¹ para ela.

Ele estava trabalhando na casa de William Spencer no dia em que a nova professora de música chegara, e o que Crooked Jack não conseguira descobrir sobre qualquer pessoa em um dia inteiro, pelo menos no que diz respeito à vida exterior, mal valia a pena descobrir. Além de descobrir as coisas, ele adorava contá-las, e seria difícil dizer quem apreciou mais a meia hora que se seguiu: Crooked Jack ou a velha Lady.

O relato de Crooked Jack, resumido, equivalia a isto: os pais da senhorita Gray morreram quando ela era um bebê; ela foi criada por uma tia; ela era muito pobre e muito ambiciosa.

– Quer uma educação musical – finalizou Crooked Jack –, e, por Deus!, ela precisa ter, porque eu nunca ouvi nada como a voz dela. Ela cantou para nós naquela noite depois do jantar e pensei que era um anjo cantando. Apenas passou por mim como um raio de luz. Os jovens Spencers já estão loucos por ela. Ela tem vinte alunos por aqui e em Grafton e Avonlea.

Quando a velha Lady descobriu tudo o que Crooked Jack poderia lhe contar, ela entrou na casa e sentou-se à janela da pequena sala de estar para pensar sobre tudo aquilo. Ela estava formigando da cabeça aos pés de emoção.

Filha de Leslie! Esta velha Lady teve seu romance uma vez. Há muito tempo, quarenta anos atrás, ela tinha sido noiva de Leslie Gray, um jovem estudante universitário que lecionou em Spencervale durante um verão, o verão de ouro da vida de Margaret Lloyd. Leslie era um sujeito tímido, sonhador e bonito, com ambições literárias que, como ele e Margaret acreditavam firmemente, um dia lhe trariam fama e fortuna.

¹ Provérbios 25:11. (N.T.)

Então houve uma briga tola e amarga no final daquele verão dourado. Leslie fora embora com raiva, mais tarde ele escreveu para ela, mas Margaret Lloyd, ainda dominada por seu orgulho e ressentimento, enviou-lhe uma resposta dura. Não chegaram mais cartas; Leslie Gray nunca voltou; e um dia Margaret acordou com a constatação de que havia tirado o amor de sua vida para sempre. Ela sabia que ele nunca mais seria dela; e, a partir desse momento, seus pés foram desviados da juventude para descer o vale das sombras até uma idade solitária e excêntrica.

Muitos anos depois, ela ouviu falar do casamento de Leslie; então veio a notícia de sua morte, depois de uma vida que não havia realizado os sonhos dele. Nada mais ela ouvira ou soubera, nada até esse dia, quando ela viu sua filha passar por ela sem ser vista na cavidade da faia.

– A filha dele. E ela podia ter sido *minha* filha – murmurou a velha Lady. – Ah, se eu pudesse conhecê-la e amá-la, e talvez ganhar seu amor em troca! Mas eu não posso. Eu não poderia deixar que a filha de Leslie Gray soubesse quão pobre eu sou... A quão baixo fui levada. Eu não poderia suportar isso. E pensar que ela está morando tão perto de mim, a querida, logo acima da rua e no alto da colina. Eu posso vê-la passar todos os dias, eu posso ter esse caro prazer pelo menos. Mas, ah, se eu pudesse fazer algo por ela, dar-lhe um pouco de prazer! Seria um deleite.

Quando a velha Lady entrou em seu quarto de hóspedes naquela noite, ela viu uma luz brilhar através de uma brecha nas árvores da colina. Ela sabia que brilhava do quarto de hóspedes dos Spencers. Então era a luz de Sylvia. Ela permaneceu na escuridão e observou a luz até que ela se apagasse, observou-a com uma grande doçura respirando em seu coração, como o abrir e fechar das velhas pétalas de rosa quando são agitadas. Ela imaginava Sylvia se movendo pelo quarto, escovado e trançando seus cabelos longos e brilhantes, pondo de lado suas

pequenas bijuterias e adornos femininos, fazendo seus simples preparativos para dormir. Quando a luz se apagou, a velha Lady imaginou uma delicada silhueta branca ajoelhada perto da janela, no suave brilho das estrelas, e também se ajoelhou naquele momento e fez suas próprias orações em comunhão. Ela disse as palavras simples que sempre usara; mas um novo espírito parecia inspirá-las; e ela terminou com uma nova súplica: “Deixe-me pensar em algo que eu possa fazer por ela, querido Pai, alguma pequena coisa que eu possa fazer por ela”.

A velha Lady dormira no mesmo quarto a vida inteira, aquele que tinha vista para o norte, para os pinheiros, e o adorava; mas no dia seguinte ela se mudou para o quarto de hóspedes sem se arrepender. Ele seria o quarto dela depois disso; ela deveria estar onde pudesse ver a luz de Sylvia, colocou a cama onde poderia deitar e olhar para aquela estrela terrestre que de repente brilhou através das sombras crepusculares de seu coração. Ela se sentiu muito feliz, não se sentira feliz por muitos anos; mas agora um interesse estranho, novo e surreal, distante das duras realidades de sua existência, mas não menos reconfortante e sedutor, havia entrado em sua vida. Além disso, ela pensara em algo que poderia fazer por Sylvia, “uma coisinha” que poderia lhe dar prazer.

O pessoal de Spencervale costumava dizer com pesar que não havia flores de maio em Spencervale; os jovens de Spencervale, quando queriam flores de maio, achavam que tinham de ir até os desertos em Avonlea, a dez quilômetros de distância, para consegui-las. A velha Lady Lloyd sabia de algo melhor. Em suas muitas caminhadas longas e solitárias, ela havia descoberto uma pequena clareira lá atrás, no bosque – uma colina arenosa e inclinada para o Sul, em uma extensão de floresta pertencente a um homem que morava na cidade –, que na primavera era afortunada pelo rosa e branco do medronheiro.

A essa clareira ela se dirigiu naquela tarde, caminhando por caminhos de floresta e sob arcos de abetos escuros como uma mulher